

Memórias d'Água

História e Património Local



Carranca do Chafariz D. Maria I, Palmela

Água é vida, ou seja, é condição essencial para a existência de qualquer ser vivo na Terra. À água cabem diversas e importantes funções, entre as quais: alimentar, fertilizar, proteger, contribuir para a saúde, transportar. O acesso à água é fundamental e é hoje reconhecido o direito de todo o ser humano a dispor de água potável e de saneamento.

Acerca do concelho de Palmela escreve-se nas Memórias Paroquiais de 1758 o seguinte: *"Esta serra em que se acha fundada a vila de Palmela é abundante de águas várias que nascem por toda a circunferência da mesma. Todas são salúíferas e nas saídas desta vila em todas as estradas têm suas fontes e de todas elas dizem serem as mais especiais nas virtudes das águas das fontes de Ares, Samouco e Façalva para os achacados de pedra e areias. Como também a do chafariz principal desta vila [Chafariz D. Maria I] para os que padecem toda a casta de febres e intemperanças, por ser esta água fresca de sua natureza, conforme as experiencias e opiniões dos médicos."*¹



Chafariz D. Maria I, Palmela

¹ FORTUNA, António Matos (1982), *Memórias Paroquiais de 1758*, Monografia de Palmela 1, Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, p., 34.

Durante centenas de anos competiu às fontes e aos chafarizes a tarefa de satisfazer o abastecimento de água às populações que ainda não dispunham de distribuição domiciliária. São essas fontes e chafarizes que encontramos, muitas vezes, nas estradas e caminhos do nosso concelho, indiferentes ao facto de serem um testemunho do passar do tempo e das gerações.

Para evitar que se perpetue o esquecimento de tão importante património, são essas fontes e chafarizes o actual objecto de estudo do Museu Municipal, que se encontra a desenvolver um trabalho com vista à recuperação futura destes elementos arquitectónicos.

A investigação, actualmente em curso, pretende, não só, a georreferenciação e a descrição deste património de tipo "arquitectura pública civil", no que diz respeito às suas características de estilo, matéria prima e técnicas de construção, mas também a sua contextualização através de fontes escritas e orais. E aqui, destacamos a recolha de memórias como meio privilegiado para a reconstrução das vivências e a compreensão da importância do acto de "ir à fonte", tão significativo para a sociabilidade local.

E por fonte e chafariz entendemos:

Fonte: lugar onde brota água continuamente; nascente; água que nasce do solo; bica por onde corre água; construção provida de uma ou mais bicas ou torneiras por onde corre água potável.²

Chafariz: fontanário com várias bicas, de construção artística.³

Mas por ora, deixemos a linguagem técnica e adoptemos um discurso simples, mais adequado à humildade das fontes, na esperança de melhor nos entendermos todos quanto à salvaguarda deste Património.

Fontes e Chafarizes



Fonte da Estação, Palmela

As fontes, tal como as conhecemos, surgiram da necessidade dos povos facilitarem o acesso à água, quer junto dos lugares onde se congregaram, quer ao longo dos caminhos, que os conduziavam para as feiras, mercados e romarias.

Quem percorre o território do concelho de Palmela descobre diversos imóveis desta natureza. Com distintas formas, dimensões, ornamentações, matérias e técnicas de construção, todas cumpriram igual função: dar de beber às gentes e aos animais, pelo que todas apresentam, em maior ou menor número, as respectivas bicas e as bacias receptoras de água.

As fontes e os chafarizes pautavam os ritmos dos caminhos, outrora mais longos e mais penosos por se caminhar a pé, ou ao dorso dos animais. As longas horas consumidas rumo a

² *Dicionário da Língua Portuguesa* (2003), Porto: Porto Editora, p., 773.

³ *Idem*, p., 341.

um destino exigiam pausas ditadas pela necessidade de saciar a sede, assim como as rotinas da vida doméstica obrigavam a visitas regulares ao chafariz mais próximo.

Cacilda Martins recorda: *"... a gente ia com os burros, com uma infusa, uma de cada lado, uma golpelha (...) chamávamos-lhe quartas (...) e em cima daquelas, duas pequeninas (...) uma de cada lado para travar a grande (...). A gente levava logo aquela conta de bilhas para ter água para dois dias ou três."*⁴

Outros elementos presentes, na maior parte dos chafarizes em estudo, são os bancos destinados ao descanso dos caminhantes e a espera daqueles que, pacientemente, aguardavam a sua vez de encher as infusas. Como também recorda Cacilda Martins *"... havia fila para encher, depois estávamos por ali sentados (...), falava-se com este, falava-se com aquele e às vezes haviam namoricos que se arranjavam ali, no chafariz."*⁵

Tanques e Lavadouros



"Tanquinhos" de Quinta do Anjo

Quando a fonte de água se situava próximo de um povoado dispunha, algumas vezes, de um tanque utilizado como lavadouro público. Como exemplos lembremos os tanques da Fonte de Beber, da fonte de Santa Ana e da Fonte Nova em Palmela; o Lavadouro do Chafariz de Aires, o Lavadouro de Águas de Moura, os Tanquinhos de Quinta do Anjo e o Lavadouro do Bairro Franco, em Pinhal Novo.

Nestes locais, ainda hoje, pode ser adivinhado o riso das mulheres, o chapinhar da água ou o cheiro e a brancura da roupa lavada.

A memória dos lugares é feita de tudo isto. Dos caminhos, portas, janelas, fachadas, mas também de fontes e chafarizes.

Convidamo-lo a si, a quem coube o benefício de dispor de água canalizada em casa, a olhar as fontes que, silenciosamente, vigiam os seus caminhos. E aí, tentar ouvir o muito que elas nos contam e perceber a importância da salvaguarda das nossas memórias d'água.

Cristina Prata

Técnica de História e Museologia do Museu Municipal

(Publicado em: *+Museu*, Boletim do Museu Municipal de Palmela, nº 2, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2002 (Nov.), pp., 8-9.

⁴ Entrevista a Cacilda Martins, 87 anos, Cabanas, a Cristina Prata/Museu Municipal, 2003.

⁵ *Ibidem*.